

Educação e comunicação, comunicação e educação: Nova tessitura epistemológica e metodológica

Lucia Helena Vendrusculo Possari¹
Cláudia da Consolação Moreira²

Resumo

Este texto tem por objetivo apresentar reflexões acerca da união das áreas de comunicação e de educação. Embasa discussões apresentadas no Grupo Temático Educação e Comunicação. As pesquisas referidas dizem respeito à discussão da importância da comunicação para a educação, assim como os meios e suas interferências nos processos educativos. A abordagem deste texto é a da complexidade, a do rizoma e a da hibridação das áreas, na formação de um novo campo de conhecimento, numa tessitura teórico-metodológica.

Palavras-chave: Educação. Comunicação. Complexidade.

Abstract

This text aims to present reflections concerning the union of the education and communication areas. It bases quarrels presented in the Thematic Group Education and Communication. The cited research says respect the quarrel of the importance of the communication for the education, thus as the ways and its interferences in the educative processes. The boarding of this text is of the complexity, of rizoma and of the agglutination of the areas, in order to the formation of a new field of knowledge, by a theoretician-methodologic textuality.

Keywords: Education. Communication. Complexity.

1 Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC-SP. Professora e orientadora do Mestrado em Estudos da Linguagem – MEEL e do Mestrado em Estudos do Contemporâneo – ECCO do Instituto de Linguagens da UFMT. E-mail: luciahvp@hotmail.com.
2 Mestre em Educação – UFMT. Professora da habilitação de Radialismo do Departamento de Comunicação Social da UFMT. E-mail: cclaudiamoreira@uol.com.br

[...] complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo³.

Morin (2001) considera a complexidade como o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acazos, que constituem o nosso mundo fenomenal.

A educomunicação, tecendo unidas comunicação e educação, e educação e comunicação é nosso fenômeno, é o complexo a que nos dispomos estudar e, sob sua égide, efetuar nossas pesquisas.

Vem sendo construído um campo epistemológico que integra educação e comunicação, que aglutinadas, recursivamente, interpenetram-se. O educador e o comunicador não podem ser pensados como atores independentes e isolados no ecossistema de ação educativa ou educomunicação.

Assim, a comunicação, constitui-se como componente pedagógico. Trata-se de um modo de integração que nega a ótica puramente instrumental da tecnologia comunicativa e informativa. Inaugura-se uma matriz transdisciplinar que reformula o conceito de educação e explicita conceitos e metodologias como atitudes diante do mundo.

Dessa forma, Comunicação e Educação integram uma nova epistemologia. É hora de desfazerem-se conceitos anteriores, onde, ora a comunicação era um instrumento, um recurso para o professor atuar melhor na sala de aula, ora era um objeto, um novo poder que necessitava ser conhecido para que seus mecanismos fossem dominados. Portanto, pensava-se:

- a área da educação para a comunicação, onde se enfatizava a formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios, educação para os *mídia*;

- a área de tecnologia da educação, onde se enfatizavam as reflexões em torno do uso das tecnologias para a educação, educação para os meios (instrumentos).

A educomunicação, todavia, não deve ser tomada como uma disciplina (mais uma) fechada em seus limites e possibilidades, mas, e, principalmente, como um novo paradigma de produção de sentidos (POSSARI, 2002).

Como paradigma, a educomunicação possibilita à escola um objetivo cultural que possibilita tornar mais próximas as histórias de leituras (cultura)⁴ dos que produzem os textos escolares (professores), da história de leituras daqueles que lêem e os ressignificam, os leitores.

O processo de re-construção de saberes é trabalho que se realiza na interdiscursividade, para alçar à situação de conceito/fazer, uma obscuridade um problema imediato, que pede clarificação e, portanto, transforma o lugar-comum em conhecimen-

3 MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p. 17-19.

4 Usa-se aqui a concepção semiótica de cultura que é o compartilhamento dos símbolos. O homem enreda-se nas teias de significados que ele próprio teceu. Pode também ser considerada como um conjunto de vivências (POSSARI, 2002).

to elaborado, num movimento que faz os sujeitos (autor/leitor) reconhecerem-se no processo de transformação, transformando-se.

Todavia, até então, comunicação e educação excluem-se como integrantes simultâneos do currículo de qualquer curso de formação de professores. O discurso da comunicação é mais desautorizado, aberto, enquanto que o discurso da educação mantém-se fechado.

Uma das formas de se encararem as tecnologias, principalmente as que podem/devem ser aplicadas à educação é a de deslumbramento, a outra, de rechaçamento.

Os pensadores da educação não têm se dado conta de que a escola tornou-se mais um espaço de construção do conhecimento. As mídias vêm fazendo isto e bem. Além da linguagem verbal - a linguagem verbal escrita é hegemônica na escola - a linguagem visual e os recursos sonoros tornam o texto mais completo.

Na atualidade, as práticas escolares deixam de ser as mais importantes na transmissão e distribuição do conhecimento. A par das escolas, os meios de comunicação, em especial o rádio e a TV, que são veículos comuns à grande maioria da população, apresentam, de modo atrativo, informação abundante e variada. As inovações tecnológicas obrigam a se reconceber comunicação. De uso, como recursos, o rádio, a TV e o vídeo constituem-se em processos de construção de conhecimento.

É o paradigma educacional emergente que, num só bojo, revê educação, ensino, linguagem e comunicação (MORAES, 1997).

Isto enseja falar da pedagogia INTERATIVA que se desdobra em:

- contrária à transmissão de conhecimento por discursos pré-construídos e que apontem para que os alunos realizem tarefas pré-construídas, obedecendo instrução ou enunciado;

- interações entre docente e discente e o objeto de aprendizagem, bem como o meio são as chaves para o sucesso pedagógico (interacional).

Na educação, se encontra, ainda, alguma resistência, bem como sensação de impacto, de estranheza e de exterioridade em relação à incorporação das novas tecnologias. É característico que o professor viva num estado desapossamento que se cristaliza em torno dos objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação.

Concebe-se Educação como um processo sócio-cultural de construção de conhecimentos. Essa construção, todavia, esteve sempre centrada na escola, no discurso do professor, nos livros – que se confunde com a história da escola.

Dessa forma, constitui-se a escola, nos últimos séculos, no espaço privilegiado onde se passa do lugar comum (obscuro) ao conhecimento elaborado (clarificação). A relação professor/aluno é uma das únicas do rito escolar, onde o primeiro exercita de maneira mediata as ações escolares, como centro do processo.

As aulas – em geral expositivas (mesmo que apoiadas em um ou outro recurso) - são unidirecionais e se caracterizam, ainda, pelo discurso modernoso de dar voz aos alunos, muito pouco relativizado quanto a quem os profere.

Nenhum dos olhares se desvia da escola como lugar.

A escola, por sua vez, especializou-se na tecnologia cognitiva verbal para poder intuir o saber simbólico e socializar o saber e a construção de significados. Ela não reconhece a importância da tecnologia, dos meios dos sistemas simbólicos e de sentido, ou seja, saber e formação, ela os deixa para as práxis extra-escolares.

De acordo com Litwin (1996), o desenvolvimento tecnológico, a organização e categorização e ainda a interpretação do mundo são temas da tecnologia educacional que prevê a comunicação, a informação, portanto, o campo do currículo, nas escolas.

Nos processos educacionais, as situações escolares - onde se mesclam diferentes linguagens culturais em seu interior - via de regra, são aquelas em que o conhecimento chega por discursos vazios de professores, livros, de maneira racional e linear. O uso dos meios, como pedagogia, possibilita legitimar uma ideologia democrática, pois permite à educação os propósitos significativos de maneira interessante. É uma maneira de hibridar escola/meios.

A comunicação como necessidade de o ser humano colocar-se para o outro, produzir sentidos, interagir com o outro, existe desde os primeiros grunhidos e gritos humanos, nas primeiras inscrições nas grutas, nos rituais, nos mitos, no canto, na música, na dança, nos jogos, todos estes utilitários ou dispendiosos para a vida e sobrevivência.

Um novo campo de conhecimento está emergindo e se consolidando, ao mesmo tempo, no mundo acadêmico e fazendo polifonia, sobretudo entre alguns estudiosos latino-americanos, como uma área de investigação que permeia dois territórios de saberes precisamente demarcados em uma visível confluência: a comunicação e a educação. Esse novo campo, ao constituir-se como área de conexão entre essas duas disciplinas, evidencia suas possibilidades concretas de transformar-se em um novo recurso de intervenção histórico-social na identificação de um repertório comum, sobretudo porque beneficia-se com a vasta literatura disponível em ambas as esferas de conhecimento na explicitação de seus avanços e limites.

A partir disto, justifica-se a abertura de um debate que destaca a necessária busca de maior delimitação de seus parâmetros instrumentais, de suas proposições e de seu objeto, intuído *a priori*, como um espaço privilegiado de teorização e de crítica, no qual torna-se possível identificar os processos desencadeados pela proposta da formação.

O embasamento dessa discussão sobre as possibilidades de se construir uma nova área, ou uma nova disciplina pode encontrar eco em Eric Hobsbawm, em *A Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*. Essa obra revela-se, nesse momento, como o relato da enorme perplexidade que acomete a todos, cujas preocupações estão voltadas para as possibilidades concretas de mudança qualitativa da sociedade, com vistas à concretização de uma ordem mais democrática. Nem todo o avanço da ciência e da técnica eliminou a impotência humana para resolver uma enorme desor-

dem global, cuja natureza permanece uma incógnita, posta ao lado da certeza de que não foi possível identificar um mecanismo óbvio para acabar com ela ou mantê-la sob controle. Assim, cabe inquirir sobre os motivos que fizeram surgir esta crise sem precedentes, em todos os setores da vida social, colocando em questão todas as crenças vigentes no Ocidente e no Oriente.

O discurso da Educação não consegue isoladamente posicionar-se diante do novo contexto criado pelas novas tecnologias da comunicação e da informação. Sua meta-narrativa é insuficiente para ressignificar seu discurso diante dessas novas mediações. Assim, educador e comunicador não podem ser pensáveis como atores independentes e isolados deste novo ecossistema da comunicação educativa.

Para Martin-Barbero (1997), a simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto.

Antecipava-se a isso Freire (1971), focalizando os processos comunicacionais que se inserem no agir pedagógico libertador. Afirma que o homem é um ser de relação e não só de contatos como o animal, não está apenas no mundo, mas com o mundo.

Nesse contexto, a comunicação é vista como um componente do processo educativo e não através do recorte do messianismo tecnológico. Alerta o autor que embora todo desenvolvimento seja modernização, nem toda modernização é desenvolvimento.

Refere-se a uma forma de relação estratégica performativa que se estabelece entre comunicação e educação, através do *agir*. Trata-se de um modo de interação que afasta a ótica puramente instrumental da tecnologia comunicativa e informativa.

Sob esta perspectiva a comunicação passa a ser vista como relação, como modo dialógico de interação do agir educomunicativo: ser dialógico é vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam.

Kaplún (1992), fala sobre a inter-relação comunicação/educação, por ele denominada *Comunicação Educativa*, apontando sua natureza: *ela existe para dar à educação métodos e procedimentos para formar a competência comunicativa do educando*. A comunicação precisa ser pensada não como um instrumento, mas como um componente pedagógico. Não se trata de educar usando o instrumento da comunicação, mas que ela se converta no eixo vertebrado dos processos educativos: *educar pela comunicação e não para a comunicação*. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como *relação* e não como *objeto* os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo.

Os autores vinculam os três espaços: contexto sociocultural, Comunicação e Educação como uma relação não como uma área que deva ter seu objeto disputado.

Esta abordagem apenas começa a ser delineada teoricamente e experimentada através da prática de professores, de profissionais da comunicação e também por gestores da comunicação empresarial.

O desenvolvimento desta interdiscursividade, por sua vez, faz-se mister, devido ao papel, importante nas duas áreas, de conceitos que precisarão ser revisitados sem obsessão unilateral, buscando-se matrizes conceituais transdisciplinares que reformulem conceitualmente o que é educar na situação pós-moderna.

Destaca-se a urgência desta aproximação devido a uma resistência, considerando-se que a meta-narrativa da educação ainda desconsidera as inovações da cultura que emerge da *Era da Informação*, impondo urgente revisão dos seus paradigmas, como também o surgimento na pós-modernidade de uma forma transdisciplinar de pensar explicitada tanto através de posições teóricas como de atitudes diante do mundo.

Para Assmann (1997) existem vários pontos de articulação do novo, equivale dizer que há várias regiões disponíveis para a inovação, sobretudo nos espaços que como os educativos, apresentam narrativas desgastadas que já não têm forças suficientes para promover mudanças. É justamente nestas áreas que existem possibilidades inéditas para estabelecerem-se novos cenários de confluência das preocupações epistemológicas de diferentes disciplinas, voltadas para a busca de conceitos básicos comuns a diversas áreas do saber.

Assim, cabe e compete uma ressignificação da educação, seu discurso que leva em conta sua necessária relação dialógica com a comunicação. Novos fundamentos da relação teórico-prática e ético-política, tanto do agir pedagógico, quanto do agir comunicativo entremeiam-se pela linguagem que além do *valor de conhecimento*, agrega também um *valor de ação social* que pode unir, separar, influir, integrar, persuadir, modificar ou fundamentar os comportamentos dos indivíduos. São os processos interativos das linguagens, isto é, do consagrado agir comunicativo de Habermas (1989), pois o *estar-no-mundo* implica a existência de um saber partilhado que permite negociação de leituras de mundo, emolduradas por confluências e discordâncias dos sentidos das nossas linguagens.

Pressupõe a negociação transacional permanente de significados, na construção progressiva de saberes, referindo-se ao uso de formas e conteúdos que são apropriados pelas mediações semióticas que realiza cada aprendente, através da ativação de suas competências produtoras e recriadoras da comunicação. Esta concepção vê a recepção como espaço de interação não só com mensagens, mas com a sociedade e com os outros atores sociais. É nesta circularidade de discursos que os sentidos são construídos.

E, ainda, a interatividade pedagógica que vai além da simples interação social, e se configura como um fenômeno articulador do discurso educacional, canalizado como espaço de atuações e ressignificações dos atores sociais, em outras palavras, es-

paço relacional onde o agir pedagógico adquire especificidade e cria condições básicas para a morfogênese do conhecimento.

Nessa perspectiva, é difícil a tarefa de descobrir quais os conceitos mais abrangentes ou mais expressivos, ou, ainda, os que são centrais, entretanto é ponto de partida para configurar epistemologicamente, esta nova área.

Assmann (1996) sugere que se utilize o conceito metafórico de rizoma, emprestado de Deleuse e Guatari (1995),

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma interliga um ponto qualquer com outro ponto qualquer. [...] O rizoma não se deixa reconduzir nem ao uno, nem ao múltiplo. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce transborda. (DELEUSE e GUATARI, 1995).

A concepção de rizoma sugere que seja substituído em nosso arquivo de conceitos (paradigmático) tudo que remete a centros fixos, troncos dominantes, ramificações delimitadas do saber, disciplinas auto-suficientes, significados fechados e certas conclusivas.

O autor sugere que se rastreiem os conceitos que estão emergindo nas linguagens científicas das últimas décadas que são interdiscursivos ou polifônicos e fazem ponte com a educação e que se exemplifiquem possíveis *conexões rizomáticas* entre eles, vale dizer que se levantem conjuntos de conceitos de alguma forma interligados.

Assim, a pesquisa no campo da inter-relação da comunicação/educação deve proceder a um rastreamento dos conceitos com imbricação mútua, esquecendo as linhas demarcatórias dos significados já estabelecidos para criar significados novos, já que são dois campos dialógicos por natureza que não existem isoladamente e não permitem ambiência de discurso de mão única.

Comunicadores e educadores tendem a engessar os significados dos seus discursos e a aprisioná-los em campos semânticos isolados. Sentem-se donos deles, sustentam seus códigos, que muitas vezes se esvaziam de sentido. É o caso do *discurso pedagógico* que precisa ser revitalizado e ter a interdiscursividade exercitada no diálogo com a comunicação. Talvez seja esta uma das possíveis formas de possibilitar o seu ressurgimento.

Indo muito além dos conceitos apresentados, o Grupo Temático Educação e Comunicação⁵, rizomaticamente e, num grande intertexto, abordou as Tecnologias no processo de aprendizagem sob o enfoque econômico; Comunicação (ciber) cultura, mídias e processos educativos; O software no contexto educacional; O estado da arte em informática educativa, Educação e TV: espetacularização do assistencialis-

5 O Grupo Temático Educação e Comunicação fez parte do Seminário Educação 2007 – Qualidade do Ensino na Contemporaneidade: novos e velhos desafios, realizado pelo Instituto de Educação e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT.

mo; Rádio como meio de ação pedagógica; O cinema e a escola: uma desconstrução; Cultura e mídia televisiva; Juventude, lazer, mídia e educação; TV e educação; A TV na construção do exercício da cidadania; Violência e educação. Muito mais que um mero *patchwork*.

Os debates ativeram-se menos a meios e tecnologias e enfatizaram a necessária aglutinação: educomunicação, para se compreenderem os processos educacionais, a cultura, transversalizados pela sociologia, pela psicanálise, pelas teorias da comunicação e das mídias, pela antropologia, pela análise de discurso e semiótica. Trabalharam-se as intensidades mais que pontos culminantes. As linhas de fuga foram à tônica.

Referências

- ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**. Piracicaba: Unimep, 1996.
- _____. **Reencantar a educação**. Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HUERGO, Jorge A. **Comunicación/Educación**. Ambitos Prácticas y Perspectivas. La Plata, Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.
- KAPLÚN, Mario. **A la educación por la comunicación**. UNESCO: Chile, 1992.
- LAURITI, Nádia C. **Comunicação e Educação: Território de Interdiscursividade - Texto produzido para a Pesquisa “Perfil sobre a inter - relação Comunicação / Educação no âmbito da cultura Latino Americana**. Nec, 1998.
- LITWIN, E. **Tecnologia Educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MILAN, Yara Maria Martins Nicolau. **Comunicação e Educação: Um Ponto de Mutação no Espaço de Confluência - Texto produzido para a Pesquisa “Perfil sobre a inter-relação Comunicação / Educação no âmbito da cultura Latino Americana**. Nec, 1998.
- MORAES, Maria C. **O Paradigma Educacional Emergente**. São Paulo: Papirus, 1997.
- MORIN, Edgar. **Introdução Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- POSSARI, Lúcia Helena V. **Educomunicação: recorte metodológico**. Curitiba: EdIBEP-PEX, 2002.
- PRADO, Maria Noemi Gonçalves. **Na Era das Incertezas: perspectivas do Diálogo dos fragmentos no resgate da integração - Comunicação e Educação - Texto produzido para a Pesquisa “Perfil sobre a inter-relação Comunicação / Educação no âmbito da cultura Latino Americana**. Nec, 1998.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação Social e Educação: entre o mercado e a cidadania**. Núcleo de Pesquisas de Novas tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação. Brasília: MEC, 1996.

Recebimento em:	12/02/2008
Aceite em:	13/06/2008

